

Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia

Moysés Pinto Neto

“E eu me organizando posso desorganizar...”

Chico Science & Nação Zumbi

1. A polifonia dos movimentos-rede de 2013

Já está se tornando um clichê afirmar que o único consenso possível acerca das manifestações de 2013 é justamente seu caráter enigmático. E se é inevitável reconhecê-lo, por outro lado poucos discordariam que as manifestações provocam uma cesura, no mínimo, no campo da "esquerda" ou daqueles comprometidos com a transformação social em relação ao quadro anterior. Neste ensaio, busco compreender o potencial dos movimentos de 2013 a partir de uma leitura que escape da celebração, mas tampouco subestime as implicações sobre a política brasileira nos últimos dois anos. Os apontamentos são baseados na observação qualitativa do cenário, sobretudo no âmbito digital, e pertencem a um tipo de tradição de análise que recentemente Marcos Nobre, por exemplo, tem tentando recuperar - sem se confundir com o exercício acadêmico especializado, um tipo de pensamento do Brasil na tradição dos intelectuais públicos nacionais (Nobre, 2013a; 2014). O ponto central é que os movimentos sinalizam, antes de tudo, uma transição geracional que atravessa a própria cisão entre direita e esquerda e, mesmo adotando a linguagem "anticorrupção" que muitas vezes é associada ao "moralismo" ou até "lacerdismo" no Brasil, é uma resposta contra o patrimonialismo que percorre a cultura política brasileira, forjada a partir de uma geração de novos atores pós-Constituição de 1988 que rejeitam em bloco todo sistema. Para tanto, dialogo com

várias análises das manifestações que, por si só e dada sua variedade, já mostram a polifonia que percorreu aquele momento.

Começo por um instigante ensaio nomeado "*Generación, acontecimiento, perspectiva: pensar el cambio a partir de Brasil*", no qual o filósofo Rodrigo Nunes procura analisar a situação da esquerda brasileira a partir da questão inter-geracional, mostrando como a geração atual que está nas ruas foi gestada a partir de um novo ciclo político, o primeiro a conseguir uma expressão política relevante desde o anterior, forjado na Ditadura Militar e identificado como "geração da redemocratização". Inconformada diante dos diversos recuos do Governo Dilma Rousseff em relação ao anterior (Lula) em várias matérias sensíveis como direitos reprodutivos, demarcação de terras indígenas, proteção ao meio ambiente, estímulo a megaeventos esportivos e especulação imobiliária, a nova geração, em sintonia com os protestos do resto do mundo, sustentaria um conjunto de reivindicações dos excluídos do processo de crescimento quantitativo da última década. Entre eles estão não apenas aqueles que deixaram de receber benefícios, mas também os que foram prejudicados pelo modelo e aqueles que lutam por um desenvolvimento qualitativo em contraponto à lógica predominantemente numérica dos índices econômicos. Os acontecimentos de junho de 2013 somados a protestos indígenas, greves "selvagens" de professores e garis em 2014 (no Rio de Janeiro) e a mobilização contra a Copa do Mundo teriam engrossado o caldo dessas manifestações, fazendo com que a "excitabilidade política" aumentasse exponencialmente no Brasil (Nunes, 2014a, pp. 45-47).

Para diferenciar esses polos geracionais em termos de conteúdo "ideológico", Rodrigo Nunes utiliza, ainda que com ressalvas, a divisão de Eduardo Gudynas entre "esquerda" e "progressismo", identificando o último com os partidos do poder e a militância tradicional (Nunes, 2014a, p. 48; ver ainda Gudynas, 2010). Rodrigo foca o germe da discórdia principalmente na lógica de governabilidade e concessões que os "progressistas" fazem quando estão no poder o germe da discórdia (2014a, p. 50), mas é impossível não acrescentar em relação aos movimentos jovens o engajamento ecológico que torna suspeita a ideia de progresso e os aproxima, em uma luta que percorre toda América do Sul, dos povos indígenas atingidos pelos projetos "progressistas". Tudo isso se expressa, como mostra também o autor (2014a, p. 46), a partir das críticas ao nacional-desenvolvimentismo quantitativo adotado pelo Governo Federal, cujo mandatário é o Partido dos Trabalhadores, gestado, paradoxalmente, no seio de movimentos sociais que incluíam o viés ecológico (Avelar, 2014; ver ainda Danowski e

Viveiros de Castro, 2014, pp. 75-76, 154-159). A crise de 2008 marca uma virada no lulismo que se converte, gradualmente, em uma "tecnocracia de esquerda" baseada em um projeto de modernização unidimensional na qual os índices quantitativos de crescimento se sobrepõem à multiplicidade de formas-de-vida do Brasil. Mesmo etiquetando-se como "pós-neoliberalismo" ou "neodesenvolvimentismo", esse projeto não deixa de ser uma *espacialização* da segregação econômica, na medida em que reconfigura o espaço urbano a partir de megaeventos e obras megalômanas (como a Usina de Belo Monte), fomenta oligopólios econômicos a partir da construção civil e apoia-se sobre a militarização do urbanismo (Pinto Neto, 2015).

Rodrigo Nunes conclui o mencionado ensaio, publicado em 2014, buscando construir o diálogo inter-geracional como uma polaridade positiva, espécie de *disjunção inclusiva* que possibilite à "esquerda progressista", mais pragmática e comprometida, e à esquerda "das ruas", mais radical e utópica, um diálogo mutuamente construtivo. Com isso, a primeira não se enraizaria em demasia no poder de modo a tornar-se indistinta em relação à direita, de um lado; a segunda, de outro, não cairia em um "narcisismo" apaixonado pelos seus próprios pensamentos e ideais, esquecendo o compromisso e os resultados práticos necessários para a transformação social. Em outros termos, essa tensão entre os dois polos é constitutiva da uma política transformadora (Nunes, 2014a, p. 51). O elo entre os dois polos seria o que Rodrigo Nunes chama, invocando provocativamente Mao-Tsé Tung, de "luta contra os reacionários". Segundo o último, o que torna uma luta justa dentre as múltiplas possibilidades de juízo acerca dela é ser dirigida contra o reacionarismo (Nunes, 2014a, p. 53). E se o chinês via na história o juiz crítico dessa operação em termos de estratégias, Rodrigo deposita - evitando qualquer tipo de teleologismo - na própria tensão entre perspectivas a única saída com a qual temos que conviver. O antagonismo é inescapável (Nunes, 2014a, p. 53). Assim, Rodrigo termina criticando a forma como o PT e os "governistas" vêm recebendo as críticas dentro dessa tensão, propondo que a ameaça do retorno da direita tem sido insuficiente para afastar o *feedback* que, ao desestimular os protestos, afirma sua condição de polo reacionário aos olhos da nova esquerda (Nunes, 2014a, p. 54). Em outros termos: como não há árbitro possível acima dos próprios polos, uma vez eliminada a Grande História, a assunção do papel de reprovação diante dos protestos (mandando a mensagem do reacionarismo às novas gerações) não encontra uma guarida externa que possa a proteger dessa condição. O jogo tem que ser jogado na imanência do seu tabuleiro, sem que se possa guardar uma condição fora dele próprio. Como não

pode mais se justificar no "tabuleiro oculto" da História, o *feedback* dos governistas aos novos movimentos demonstra no seu próprio movimento aquilo que se considerava protegido pelo álibi da "governabilidade": que está no polo conservador.

2. A leitura política do progressismo em torno dos movimentos-rede

A fim de traçar um comparativo diante do enigma das manifestações, gostaria de contrastar a análise de Rodrigo Nunes com a de dois dos intelectuais públicos mais destacados no cenário brasileiro atual, André Singer e Marcos Nobre, acerca dos ideais e do potencial dos movimentos que estão nas ruas. Começando pelo primeiro, um típico "progressista" que fez das análises mais instigantes acerca do fenômeno que ele próprio denominou "lulismo", estratégia de reformismo fraco que pautou o Governo Lula após o estouro do escândalo de corrupção chamado "Mensalão" e que envolve o deslocamento do eleitorado mais "orgânico" tradicionalmente ligado ao PT, a classe média de funcionários públicos e intelectuais, para a população extremamente pobre em todos os níveis. Contra isso e aproveitando a bonança do cenário internacional com o *boom de commodities*, Lula traça a estratégia de um "pacto conservador" que significaria a melhora das condições de vida dos mais pobres - especialmente a partir do Bolsa-Família, aumento do salário mínimo e políticas de crédito consignado - sem mudança na estrutura de classes, o que significa também enriquecimento dos mais ricos (Singer, 2012, pp. 51-83). O próprio Singer termina seu livro sobre o tema, *Sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*, anunciando o esgotamento do modelo e a necessidade de se pensar em um novo ciclo que não dependa de condições favoráveis na conjuntura econômica internacional e induza o crescimento com a transformação da sociedade brasileira (2012, pp. 200-221).

Se as revoltas de junho tornam patente que a conclusão de Singer estava certa, seu *prognóstico* acerca dos futuros do lulismo parece ter nublado a percepção acerca do que ocorreu, apesar de o próprio autor afirmar que não desejava "deitar cátedra sobre tema que deve ser alvo ainda de muita pesquisa" e que as hipóteses se deram "quase no calor da hora". Servirá de base para a análise aqui desenvolvida apenas o texto *Classes e ideologias cruzadas*, em que André Singer analisa os acontecimentos de junho, sem tomar em consideração outras intervenções orais de conteúdo ainda mais questionável, mas que não se tornaram estudos de maior fôlego (disponíveis na *web*). Nesse texto, Singer divide em três momentos as manifestações, começando por um mais atrelado ao

Movimento do Passe Livre (MPL), em revolta contra o aumento de passagem de ônibus em São Paulo, um segundo em que as manifestações se inflam a partir da violência policial e da virada na perspectiva da grande mídia (sobretudo quando o fotógrafo Sérgio Silva, do jornal Folha de São Paulo, é vitimado brutalmente pela polícia militar paulista com a perda de um olho) e um terceiro em que, a partir da adesão dos meios de comunicação de massa, os protestos perdem o foco e tornam-se plurais, comportando desde classes distintas até ideologias radicalmente opostas, do anarquismo libertário ao fascismo cujos adeptos, entre outras coisas, agrediam os indivíduos com bandeiras de partidos ou mesmo com roupas vermelhas (Singer, 2013, pp. 24-26). O que me interessa nesse texto, em diálogo com o de Rodrigo Nunes, é a análise das gerações que estavam presentes ali e do seu perfil político.

Singer começa dividindo a juventude entre a "classe média tradicional" e o "novo proletariado", o último formado a partir da última década de governo lulista e fonte de significativo debate nas ciências sociais brasileiras (ver, p.ex., Souza, 2012; Cocco, 2013; Chauí, 2013; Braga, 2012 e 2013; Pochmann, 2014) em torno da sua condição socioeconômica e cultural, para dizer que é possível que as manifestações tenham sido não reflexo de uma ou outra, mas de ambas simultaneamente. Singer apresenta dados que indicam a presença significativa de jovens em todas as "ondas" das manifestações, embora identifique no primeiro momento a presença simultânea da classe média tradicional universitária e de jovens de "baixa renda" (de 1,5 a 3,5 salários-mínimos) vinculados ao novo proletariado ou precariado (Singer, 2013, pp. 29-30)¹. O que surpreende, no entanto, é sua leitura *ideológica* desses quadros. O cientista político menciona primeiro o MPL, de viés "progressista", autonomista e anticapitalista, portanto identificado com a esquerda e em sintonia com movimentos do resto do mundo como Occupy Wall Street e os indignados espanhóis (2013, p. 33). Em seguida, discorre sobre o restante da juventude que "pegou carona" na "nova esquerda", qualificando-a como de direita à medida que de viés "oposicionista", tingida por um sentimento anticorrupção e tratando o PT como eixo contra o qual seus protestos vinham se dirigindo (2013, p. 35). Finalmente, o ponto mais interessante e problemático do texto

¹ Ressalte-se que parece ligeiramente problemática a identificação de "baixa renda" com os salários de 1,5 a 3,5 salários-mínimos se ela quer dizer adesão do novo proletariado e identificação com ocupações como "balconista, professor de ensino fundamental, auxiliar de enfermagem, recepcionista, motorista, garçom, barbeiro, cabelereira e manicure" (Singer, 2013, p. 31). Se é verdade que essas profissões estão incluídas nessa faixa econômica, é preciso lembrar que também o salário de advogados iniciantes, bolsistas do ensino superior ou mesmo professores universitários do ensino privado costumam rodear esses valores, sendo que provavelmente Singer os identificaria com a classe média.

de Singer, sobretudo por expressar o tipo de incompreensão estrutural inter-geracional que Rodrigo Nunes termina diagnosticando no governista, é designar a terceira camada da juventude, sobretudo os revoltados contra os gastos com a Copa do Mundo, como "centro pós-materialista". Para Singer, esse centro estaria focado na questão da qualidade de vida, expressando a inconformidade com a forma como é administrado o Estado e identificando-se com uma classe média de novos valores. Não por acaso ele vincula, como, aliás, todos os intelectuais de perfil "progressista", esse "centro" ao eleitorado da ex-senadora Marina Silva (2013, p. 37), cujo papel imprevisto nas eleições de 2010 ainda não foi compreendido na medida em que *antecipava* tudo que viria mais tarde a se organizar nas ruas (as eleições de 2014 representam um longo capítulo à parte nessa história). O ponto central da incompreensão de Singer parece ser a designação de "centro" para essa posição, uma vez que não incorpora ao seu conceito de "esquerda" nem as insurreições que marcaram a política durante os anos 60, com destaque para os acontecimentos de maio de 1968, e tampouco a crítica ecológica ao modelo desenvolvimentista e ao impacto ambiental do modelo produtivista que alimenta os mecanismos de subjetivação da sociedade do consumo.

Sob esse prisma, o que parece problemático nas hipóteses de André Singer é justamente que elas parecem excessivamente enrijecidas naquilo que o autor *desejaria* que tivessem sido os "acontecimentos": uma continuidade com ruptura, a manutenção do PT como mola-mestra do desenvolvimento com o apoio popular para transitar de um reformismo fraco para um reformismo forte a partir do apoio do novo proletariado cuja melhoria de vida o próprio PT promoveu nos primeiros dez anos do século XXI. Essa *teleologia* embutida, espécie de versão *soft* do "materialismo histórico" clássico², acaba fazendo com que Singer enxergue a realidade como um espelho negativo da sua projeção, sem perceber aquilo que não apenas a "nova" esquerda (anticapitalista e autonomista) do MPL significava, mas igualmente o que esse dito "centro" representa em termos não de superação da dicotomia entre direita e esquerda, mas da aliança com os setores rebeldes da juventude em torno de um novo modelo social e econômico que

² Basta ver o que significa a ideia de "pós-materialista" para Singer: uma perspectiva que não requer nem mais Estado nem mais mercado. Poderíamos, no entanto, perguntar: que sentido tem o materialismo em tempos de catástrofe ambiental? Talvez exatamente recuar para a "infraestrutura da infraestrutura", ou seja, para as condições geotérmicas que possibilitam a existência de vida na Terra e que, a rigor, ultrapassam qualquer teorização em torno de justiça e injustiça em termos humanísticos. Assim, o materialismo de Singer continua preso no humanismo antropocêntrico da leitura dominante de Marx, desconsiderando o impacto ecológico como um fato que desequilibra o tabuleiro das polaridades direita-esquerda nos termos clássicos. Sobre a questão ambiental redimensionada, ver Danowski e Viveiros de Castro, 2014, *passim*, mas especialmente pp. 72-78, 110-111, 143-159.

extrapole os próprios quadros do desenvolvimentismo produtivista (matriz economicista da intelectualidade "progressista"). Minha análise, no entanto, não pretende ficar presa ao dilema infinito e monótono que procura responder à questão: "quem é verdadeira esquerda?". Onde Rodrigo Nunes já concede um significado diferente para essa polarização, evitando a divisão entre centro, direita e esquerda e passando a enxergar as polaridades dentro da própria esquerda, pretendo avançar para dar sentido também a esse *novo centro*, procurando compreender o significado do que pode ser um projeto coletivo que ultrapasse inclusive a esquerda (embora ainda, de certa forma, signifique a "luta contra os reacionários"), colocando em disputa essa juventude a partir das ideias de Marcos Nobre.

3. Corrupção e pemedebismo

André Singer não tem dúvidas: a pauta "anticorrupção" dos movimentos é conservadora, porquanto aliada às forças políticas contrárias ao PT cuja única força é justamente atacar esse ponto para enfraquecer o Governo (Singer, 2013, pp. 34-35³). Embora não afirme explicitamente, parece nítido que concebe essa direita com raízes no lacerdismo e como um desafio para os trabalhadores. Jessé Souza afirma, no mesmo sentido, que "a classe média que foi em massas às ruas a partir do dia 19 de junho e que foi a responsável pela mudança de pauta das demandas por melhor transporte, escolas e saúde, demandas típicas das classes populares, em favor das suas demandas centralizadas nas denúncias de corrupção – sempre estatal e personalizada –, na verdade, agiu tanto como 'tropa de choque' do interesse dos endinheirados, como, em parte, em interesse próprio. O tema da corrupção, lá longe em Brasília, ajuda a reproduzir também seus próprios privilégios de classe. Uma classe social, como a classe média brasileira, que explora os excluídos sociais em serviços domésticos que lhes permitem poupar tempo livre para incorporar ainda mais conhecimento e mais capital cultural para a reprodução indefinida de seus privilégios – enquanto condena os excluídos à reprodução de sua própria miséria – pode 'posar' de humana, corajosa e

³ Veja-se sua narrativa: "Abandonado pela polícia, o centro velho foi saqueado por lumpemproletários naquela noite, lembrando cenas dignas das manobras fascistas do século XX. No Rio de Janeiro, teve início uma campanha contra o governador do estado e o prefeito da cidade. Ao mesmo tempo bandeiras brasileiras passaram a ser elemento constante, ao lado de cartazes por menos impostos. A direita buscou tingir as manifestações de um sentido anticorrupção. Convém lembrar que, no Brasil, essa é sempre a arma favorita da oposição, e o objetivo quase único da direita, nesta quadra, é opor-se ao governo federal, tirando o PT do poder e, se puder, impedindo-o para sempre de voltar" (Singer, 2013, p. 35).

virtuosa, ao sair às ruas para condenar sempre um 'outro' que não nós mesmos. O privilégio, afinal, precisa ser justificado ou tornado invisível para se reproduzir" (Souza, 2014, p. 46). É aqui que Marcos Nobre permite caminhar em outro sentido e escapar dessa engrenagem que despotencializa movimentos que animaram alguns milhões de pessoas tomando-as como simples "alienadas" políticas.

Nobre cunha o conceito de "pemedebismo" para explicar como o sistema político brasileiro blinda-se contra as demandas sociais e o debate político fazendo com que a democracia funcione em baixa intensidade. Para ele, o pemedebismo seria a estratégia que permitiu às oligarquias políticas da ditadura sobreviver na democracia, tornando o sistema político impermeável às mudanças que a Constituição de 1988, por exemplo, previa na estrutura social brasileira (Nobre, 2013a, pp. 9-25). Funcionando menos em plataformas do que em vetos que são exercidos por bancadas que atravessam partidos ("bancada ruralista", "bancada evangélica"), o pemedebismo seria resultado da naturalização da "governabilidade" pelos representantes do Poder Executivo após o *impeachment* de Fernando Collor para evitar que o fato se repetisse, governando em vez disso com "super-maiorias" (Nobre, 2013a, p. 57). Se Fernando Henrique Cardoso é o primeiro representante dessa modalidade de governo, Lula é quem o consolida, na medida em que após o Mensalão não pode mais arriscar o risco de perder a base parlamentar, passando a governar com o PMDB (que não é o pemedebismo, mas seu principal emblema) (Nobre, 2013a, pp. 116-141). A hipótese de Nobre, assim, não colide diretamente com a de Singer quanto ao lulismo: o que caracteriza o lulismo é, entre outras coisas, um "pacto conservador" que, além de manter intacta a estrutura de classes, não toca na forma normal de funcionamento do sistema político. O PT passa a ser simplesmente o "administrador do condomínio pemedebista".

O que é interessante na análise de Nobre é que justamente quando estava para publicar seu *Imobilismo em Movimento*, trabalho em que desenvolve a ideia de pemedebismo, as revoltas de junho explodem. Por isso, em seguida publica um texto-intervenção chamado *Choque de Democracia* no qual sustenta que as revoltas teriam sido fundamentalmente contra essa cultura política (Nobre, 2013a, pp. 142-157; 2013b, passim). É isso que permite reler os fenômenos que Singer aproxima do lacerdismo de outra forma: não se trata apenas de revoltas contra o PT com o pretexto da corrupção (ainda que em alguma escala isso tenha de fato ocorrido), mas de revoltas contra o pemedebismo do qual o PT, a partir do segundo mandato de Lula, passou a fazer parte enquanto "administrador do condomínio". O problema da análise progressista passa a

ser então o fato de colocar o PT no centro do debate, quando este perdeu não sua importância, mas a condição de *eixo* delimitador de polaridades políticas. A adesão do PT ao pemedebismo e o constante recuo do Governo Dilma Rousseff em relação a pautas de esquerda tornam o marcador inapto para dividir o campo entre esquerda e direita. E por isso a leitura progressista parece constantemente adormecida em relação ao reconhecimento de um novo campo político que contesta o PT à esquerda não apenas por aquilo que ainda não fez, mas pelo que vem efetivamente fazendo (a Copa do Mundo e o movimento #naovaitercopa expressam esse fenômeno). Parece haver um bloqueio entre os agentes do ciclo político experimental que antecedeu a Constituição de 1988 para abrir-se ao *polemos* em relação àqueles que hoje representam a emergência de um novo ciclo depois da burocratização das instituições que a geração anterior havia criado e investido.

Coloquemos a hipótese dos protestos antipemedebistas em teste por um instante e veremos que as demandas relacionadas ao transporte público não eram apenas demandas contra o mercado, mas igualmente contra a *falta de transparência* dos arranjos entre o poder público e as concessões privadas na definição das tarifas e da qualidade dos serviços públicos oferecidos que *beneficiava oligarquias econômicas*. Em outros termos, essas revoltas que os próprios progressistas precisam reconhecer como "de esquerda", pois não poderiam dizer que o preço do transporte público usado pelos *trabalhadores* seria algo "de direita" (o trabalho continua sendo o principal, apesar de 1968 e etc.), podem ser lidas como revoltas *contra a corrupção*. Não a corrupção casuísta, sem uma consistente leitura estrutural, mas contra a corrupção sistêmica que muitas vezes se confunde com a própria forma legal com que as medidas são aprovadas. O caso de Porto Alegre, berço da primeira revolta em 2013, que conseguiu reduzir o valor da passagem e que se manteve mobilizada ao longo de todo o período de manifestações, permite perceber bem claramente essa dimensão. No final do período das revoltas de junho houve um movimento de Ocupação da Câmara Municipal, de 10 a 18 de julho, no qual manifestantes passaram a demandar dos vereadores reformas na maneira como era administrado o tratamento com o setor privado na área de transporte, entre outras coisas exibindo as planilhas e publicizando lucros (Castilho, 2015). Porto Alegre é governada por prefeito do PDT, José Fortunati, ocupando o PT a oposição mais forte e tendo alguns dos seus vereadores inclusive apoiado a ocupação. É possível dizer que esse ato contra a corrupção se enquadra no conceito de "lacerdismo" ou existe um campo político à esquerda que também toma a corrupção como um dos seus motes

fundamentais de luta? Não estaria na hora de os progressistas revisarem suas lentes de análise para perceber que não se trata de um particularismo contrário ao PT, mas de uma reivindicação republicana que é legítima em uma democracia e inclusive do ponto de vista do que se tem por "esquerda"?

4. Corrupção e crise destituente

"A porta da justiça é o estudo."

Walter Benjamin, *Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte*

O que o progressista André Singer toma por ataque à esquerda de modo excessivamente reativo e casuísta é, portanto, uma *crise da mediação político-institucional* que não afeta apenas ao Brasil, mas a todo o mundo. O fato de o PT, tradicionalmente identificado com a esquerda e responsável por uma série de políticas distributivas bem-sucedidas na primeira década, ser Governo não foi suficiente para evitar que o fenômeno atingisse o país; aliás, boa parte das manifestações, a começar pela vanguarda indígena, mobilizou-se exatamente por decisões *positivas* do PT, por exemplo, a construção da usina de Belo Monte e a demolição da Aldeia Maracanã (Danowski e Viveiros de Castro, 2014, pp. 157-158), sem falar da resistência dos adeptos da tática *black bloc*, que sequer é mencionada. O fenômeno do "pemedebismo", embora tenha as peculiaridades nacionais que Marcos Nobre explora, repete-se em contexto mundial com a baixa intensidade que se faz sentir nas democracias governadas por interesses dos mais ricos (convertidas em plutocracias) que, como dizem os manifestantes do *Occupy Wall Street*, são os 1% da pirâmide (ver Castells, 2013; Badiou, 2011; Žižek, 2011; Gutierrez, 2013), faltando às análises, com raras exceções (especialmente as mais próximas da linha de Antonio Negri e Michael Hardt), a sintonia com os movimentos espalhados pelo mundo todo. O mesmo repete-se no Brasil, com seu neodesenvolvimentismo que bem poderia ser associado ao "aceleracionismo" capitalista recheado de negócios obscuros com empreiteiras, construtoras e todo tipo de empreendimento (por isso a revolta contra a Copa do Mundo, celeiro fértil para esse tipo de tratativa).

No período das manifestações, uma das ironias mais comuns era tratar as demandas contra a corrupção como fenômenos de elite "alienada", apelidada de "cozinha" pelo jornalismo governista que se autodenomina "progressista", para

identificar o público que dirigia contra o PT sua raiva e pedia que o dinheiro gasto na Copa do Mundo fosse destinado para saúde e educação ("padrão FIFA"). A luta contra a corrupção, portanto, não se reduziu apenas ao moralismo punitivo, mas o ultrapassou em direção a um fim mais justo e socialmente igualitário das verbas públicas. Cabe lembrar quanto a isso uma antiga análise de Renato Janine Ribeiro que certa vez dividiu a esquerda (PT) e direita (PSDB) no Brasil em "democratas" e "republicanos". Enquanto o PT tenderia a uma democracia de alta intensidade, o PSDB tenderia a uma austeridade no trato da coisa pública (Ribeiro, 2003)⁴. Hoje em dia, parece que os dois polos políticos perderam a capacidade de significar essas ideias (não por acaso ambos aparecem para Nobre como os que lutam pela administração do condomínio pemedebista). Por isso, de certo modo os movimentos foram uma espécie de ação direta, não mediada, que contou com todos os setores da sociedade (Rolnik, 2013, p. 10). O que tinham em comum nesse segundo momento em que os movimentos-rede se tornaram "ecossistema" era a revolta contra o pemedebismo, na medida em que essa cultura política é ao mesmo tempo anti-republicana e anti-democrática. O "atraso", como se costumava chamar as oligarquias políticas ainda em linguagem teleológica, viu-se subitamente emparedado pelas manifestações de 2013.

Para finalizar, voltaria ao texto de Rodrigo Nunes para repensar a questão da divisão interna da esquerda à luz da questão da corrupção. Em outra intervenção importante para se compreender os novos movimentos mundiais, Rodrigo propõe pensar-se a "organização da desorganização". Para tanto, utiliza a teoria das redes aplicando-a aos novos agrupamentos jovens, que ele divide entre um mais geral, chamado "sistema-rede" (*network system*), de característica mais fluida como um cruzamento de indivíduos, grupos, contas em redes sociais, espaços físicos e webpages que constituem tantas camadas que não podem ser reduzidas ou sobrepostas uma pela outra (2014b, p. 20); o "movimento-rede" (*network-movement*) como a "reflexão do movimento", isto é, quando o "sistema-rede" passa a se reconhecer, ser *para si*; e os "movimentos" propriamente ditos, com um grau de consistência maior que os anteriores enquanto sub-redes dessas redes mais extensas (Nunes, 2014b, pp. 25-27). Procurando contrapor-se a algumas visões que confundem excessivamente descrição e projeto, tenta estabelecer padrões com os quais essas redes operam a fim de pensar a possibilidade

⁴ O próprio Renato Janine Ribeiro, em texto que tomei conhecimento depois da redação deste ensaio, considera as manifestações como a "quarta agenda da democracia brasileira" que envolve a melhoria da qualidade dos serviços públicos, depois de fim da ditadura (1985), vitória sobre a inflação (1994) e inclusão social (2002) (Ribeiro, 2014).

organizacional após a crítica das estratégias autoritárias da esquerda que naufragaram no século XX⁵. Assim, a rede ganhou uma "cauda longa" quando pôde se tornar "sistema-rede", um aglomerado composicional de multiplicidades, sem exatamente deter-se sobre uma identidade fixa, ou, como diz Gutierrez, um "ecossistema". A progressiva dilaceração desse ecossistema - hoje, em 2015, bastante enfraquecido - está ligada a pelo menos três fatores: primeiro, a forte persecução policial e judicial que sofreram boa parte dos ativistas, especialmente na tentativa de reprimir os protestos em 2014, na Copa do Mundo, quando o sistema de segurança utilizou técnicas de vigilância ultramodernas para controlar os movimentos (movimento #naovaitercopa) (Schavelzon, 2014); segundo, pela fratura durante as eleições de 2014, quando o ecossistema se dividiu em relação ao posicionamento do voto no segundo turno, se haveria apoio - mesmo que "crítico" - ao Partido dos Trabalhadores (Pinto Neto, 2014, 2015; Cava, 2014; Cocco, 2015); terceiro e finalmente, pela adoção de um materialismo substancialista que se deixou pautar pela política de identidades, tornando os coletivos menos permeáveis e cada vez mais fechados dentro das próprias crenças e muitas vezes caindo em um "narcisismo das pequenas diferenças". Ao mesmo tempo, boa parte do centro migrou para a direita, em protesto contra o Governo Federal, fazendo crescer a "onda verde-e-amarela" das manifestações até uma forma orgânica de "nova direita" pós-2013. As formas de organização inauguradas naquele ciclo político foram apropriadas - do escracho aos memes de Internet - na direção de uma nova aliança entre

⁵ Também podemos entender isso como um desenvolvimento pessoal de uma leitura alternativa à dominante em torno dos pensamentos de Foucault e Deleuze que tendem ao repúdio a todo tipo de verticalidade e organização, situando-se numa desterritorialização que recusa qualquer tipo de liderança e transcendência. Em contraste com isso, Rodrigo mostra nos dois trabalhos que a desterritorialização absoluta é, de um lado, perigosa, uma vez que esta pode conduzir ao fascismo (2013, pp. 576-577; ver também Deleuze & Guattari, 1996, pp. 110-115); de outro, que a rigor ela é impossível, à medida que estruturalmente as redes tendem a se hierarquizar (Nunes, 2014, pp. 31-32). Em contraponto, ele propõe uma "desterritorialização relativa" que não está separada de novos agenciamentos, uma espécie de interstício que constitui sem se fechar completamente, uma identidade precária aberta à transformação (2013, p. 577). Fazendo uma analogia com Georges Bataille em uma questão que também é decisiva para Jacques Derrida, é possível dizer que Rodrigo Nunes desloca a dimensão da "economia geral", quase sempre destacada em relação a esses filósofos, para a "economia restrita", cujo fechamento é sempre incompleto na medida em que ela própria é uma condensação temporal da economia geral (Pinto Neto, 2013). Um exemplo dessa diferença está na questão da liderança, discutida em todos os cenários de protestos que hoje proliferam no mundo: em contraponto à alergia aos líderes (Castells, 2013, pp. 162-163), Rodrigo propõe a ideia de "liderança distribuída" que pode emergir de qualquer lugar, sem que alguém possa ocupar permanentemente a posição de vanguarda (Nunes, 2014b, pp. 31-40). Assim, a questão da organização é retomada como uma leitura não-edipiana de Foucault, Deleuze e Guattari, superando a *doxa* que se instaurou quanto à rejeição de todo "macro", as questões de larga escala, assim como de toda estabilização, sobretudo diante das crises atuais capitalista, ecológica e da democracia representativa (Nunes, 2013, p. 578) ou, no dizer de Cava, de uma "organização da multiplicidade" (Cava, 2014). Ainda sobre o tema da organização, defendendo o equilíbrio entre programa e processo, Ortellado (2013, pp. 226-238).

uma direita liberal-conservadora e uma extrema-direita fascista (minoritária). Na falta de comunicação entre os novos movimentos pela esquerda, fixados na delimitação da sua própria identidade, e do governismo (totalmente avesso a qualquer tipo de crítica), aquele centro político acabou pendendo para posições mais conservadoras. Nesse ínterim, quase nada foi colocado em xeque: os movimentos continuaram reprisando as cerimônias de purificação da militância e o governismo, por sua vez, repetindo o discurso histriônico anti-golpe, sem que nunca - em nenhuma das escalas - a própria divisão "esquerda" e "direita", sempre analisada em termos substanciais e fortemente identitários, pudesse ser posta em questão. O imaginário "vermelho" que mobilizara um novo suspiro de esperança no Partido dos Trabalhadores nas eleições de 2014 é dogmaticamente acatado por todos.

Dito isso, há que se pensar: será essa juventude "republicana" totalmente desprezível, como alguns progressistas pensam? Mesmo o primeiro texto de Rodrigo Nunes mencionado parece suscitar um bloco de alianças em disjunção inter-geracional que envolveria as duas esquerdas contra os "reacionários". Mas quem seriam propriamente os reacionários nesse caso? Se por essa ideia deve-se entender aqueles que têm nostalgia do passado (por exemplo, as forças do pemedebismo), talvez essa juventude republicana de centro não seja exatamente reacionária. Boa parte dos professores universitários, apenas por exemplo, tem que conviver a cada novo semestre com uma turma bastante jovem que tem ideias confusas, geralmente impregnadas de uma indignação pulverizada e sem uma análise estrutural que, mais tarde, transformam-se por meio da leituras seminais. Não é de certa forma esse o caso de boa parte desses manifestantes que, numa revolta confusa e difusa, engrossaram os filões dos protestos contra a corrupção? Educação, saúde e respeito às verbas públicas são ideias assim tão desprezíveis? Imagine-se, por exemplo, se o cenário de 2013 não tivesse recebido apenas a fraca proposta da mandatária Dilma Rousseff -- imediatamente rejeitada pelos aliados que se beneficiam do pemedebismo -- de uma "Constituinte Exclusiva" para a reforma política, típica proposta vinda do imaginário da geração pós-constitucional que propõe, por exemplo, um "fortalecimento dos partidos" (quando o que tem revoltado a juventude e boa parte da população é exatamente o descrédito dos partidos), mas um investimento brutal em educação que chegasse a trinta por cento do PIB, alegando a vontade popular e a resposta às ruas como justificativa. Uma saída "pelo centro" não poderia ter realizado os propósitos mesmo da extrema esquerda que militava e muitas vezes acabava reivindicando o monopólio do imaginário, passando à crise após a "onda

verde-e-amarela"? A corrupção, ao drenar recursos públicos que poderiam ser investidos em serviços básicos, é apenas uma pauta moralista ou pode ser enfrentada -- dada a mobilização nacional em torno -- como uma questão estrutural?

Talvez o critério geracional, por isso, tenha preponderância inclusive sobre o campo original ideológico⁶. A transição para as chamadas "geração Y" e "geração Z", nascidas em ambiente mais transparente e democrático, envolve um questionamento brutal -- que atravessa posições da direita à esquerda -- das práticas patrimonialistas que sustentam o estado brasileiro. Muitos expressaram essa ideia como "antipolítica", ainda que evidentemente se trate simplesmente de uma expressão política que rejeita todas as opções no tabuleiro. Essa "antipolítica" pode ter sido o nó de uma composição heterogênea, uma colagem de setores diversos que expressaram descontentamento contra todo sistema político. Talvez a juventude represente hoje em dia uma "ruptura paradigmática" que reconfigura todo tabuleiro da política pensada em termos das oposições entre social-democracia (ou socialismo) e liberalismo (ou neoliberalismo)⁷, ou, na versão brasileira, entre petistas e tucanos. Não em um sentido que não concebe mais direita e esquerda e opta por um consenso e união autoritária, mas no sentido de que o quadro posterior é tão distinto do anterior que a própria polaridade é reconfigurada, formando um novo ecossistema político. Jürgen Habermas, não sendo exatamente um revolucionário, dizia nos idos de 1968 que a juventude era exatamente o setor social com mais independência para pensar o social porque não atrelada a interesses particulares específicos (Habermas, 1988, pp. 90-92⁸). Sem exagerar no

⁶ Sobre a multiplicidade de vozes nas ruas e uma leitura que evita atacar a "segunda onda" como "alienada", destaco na blogosfera as intervenções de Diego Viana ("Pauta difusa e derrota, mais uma vez. Disponível em <<http://diegoviana.opsblog.org/pauta-difusa-e-derrota-mais-uma-vez/>>), Idelber Avelar ("O enigma de junho", em quatro partes. Disponível em <www.idelberavelar.com>), Bruno Cava ("Não rejeitar o verde-amarelo: antropofagia". Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/nao-rejeitar-o-verde-amarelo-antropofagia/>>) e o panfleto "Direito ao grito" da editora Cultura e Barbárie (Disponível em <<http://www.culturaebarbarie.org/direitoaogrito1.pdf>>). Os trabalhos de Idelber Avelar e Bruno Cava foram republicados em Avelar, 2015 e Cava, 2013.

⁷ No texto de Rodrigo Nunes, essa questão aparece como mudança das próprias condições transcendentais pelo empírico a partir da ideia de acontecimento (2014a, p. 44). Usando um conceito de Alberto Tosi Rodrigues, poderíamos pensar que estamos diante de um novo "ciclo de mobilizações políticas" semelhante ao ocorrido no período pré-Constituição de 1988 (e que tende a ser sucedido por um ciclo de mudanças institucionais) (Rodrigues, 2001).

⁸ "Mas os estudantes não lutam por uma maior participação nas compensações sociais das categorias disponíveis: rendimentos e tempo livre. O seu protesto dirige-se antes contra a própria categoria de 'compensação'. (...) Estas técnicas educativas podem possibilitar experiências e favorecer orientações que chocam frontalmente com a conservação de uma *forma de vida* própria de uma economia da pobreza. Sobre esta base, podia constituir-se uma incompreensão em princípio da reprodução absurda de virtudes e sacrifícios que se tornaram supérfluos - uma incompreensão relativa à causa por que a vida do indivíduo, não obstante o alto grau de desenvolvimento tecnológico, continua a estar determinada pela imposição do trabalho profissional, pela ética da competitividade no rendimento, pela pressão da concorrência de

critério etário, talvez tomando juventude por *abertura ao novo* ou *desejo de insurreição* (Badiou, 2011, p. 22) pudéssemos repensar a questão inter-geracional inclusive no caso daquela juventude desiludida desprezada por boa parte da esquerda⁹, formando um "ecossistema" mais amplo. A rejeição que Marcos Nobre atribui ao pemedebismo pode ser associado ao conjunto de práticas que a ciência social brasileira tradicionalmente designa como *patrimonialistas*¹⁰, forjada inclusive em alianças com instituições mais jovens e criadas sob a égide da Constituição de 1988. E, longe de ser uma dimensão apenas conservadora, o republicanismo é positivo na medida em que sustenta uma sociedade de iguais e do comum, avessa aos privilégios e à apropriação privada, ainda que porventura o retrato dessa sociedade vá variar conforme o espectro político. O pessimismo generalizado da juventude descontente das ruas -- independente da posição ideológica -- é reflexo de uma crise que atravessa polaridades políticas e atinge o próprio coração da democracia, sufocada, como no resto do mundo, por oligarquias com tal controle sobre o sistema político que praticamente o convertem à forma de plutocracia (Nunes, 2015). Esse ponto, aliás, remete ao debate hoje em tela na Espanha, onde o *Podemos* procura se confrontar com o sistema político usando outra chave que não a de "frente de esquerda", opondo, em lugar disso, democracia e corrupção (plutocracia) (Lambert, 2015). Os significados em disputa, república e democracia, mostram que longe de se tratar de "antipolítica", cuida-se de recuperar o sentido vital da política a partir dos seus nós fundamentais.

A falta de mediações e a valorização da ação direta, contudo, conduzem por vezes a impasses que inviabilizam a construção coletiva organizada. O ecossistema dos movimentos sociais não pode ser dissociado do restante da sociedade, ou vai simplesmente ocupar o espaço que Zizek certa vez nomeou -- e Rodrigo Nunes lembra no seu texto -- de "apaixonado pelas próprias ideias". O enclausuramento identitário e a busca da pureza como modo reativo de se organizar diante da pressão da juventude mais conservadora ("coxinhas") vem provocando gradualmente a implosão dos movimentos

estatuto, pelos valores da coisificação possessiva e pelas satisfações substitutivas oferecidas, e da causa por que se mantém a luta institucionalizada pela existência, a disciplina do trabalho alienado e alienação da sensibilidade e da satisfação estéticas" (Habermas, 1988, pp. 91-92).

⁹ Usando os termos que Rodrigo Nunes desenvolve, poderíamos aproximar essa organização jovem como um "sistema-rede" (*network-system*) -- que também está próximo da ideia de "ecossistema" de Gutierrez - composto de diversos "movimentos-rede" (*network-movements*) e em permanente fluxo dinâmico enquanto multiplicidade, sem que todos os movimentos-rede sejam identificados necessariamente com a esquerda, mas ligados a uma revolta contra o sistema político (naquilo que nomearíamos como "pemedebismo") (Nunes, 2014b, pp. 25-30).

¹⁰ Há bibliografia torrencial sobre o tema. Por exemplo, os clássicos Buarque de Holanda (1991) e Faoro (2001) e DaMatta (1984). Para o debate contemporâneo, ver Souza (2009) e Viana (2014).

(Legume, 2015; Tarifa Zero Goiânia, 2015)¹¹. O espaço espectral aberto por 2013 -- lugar do sonho e da utopia que excede o "possível" -- é gradualmente fechado em dogmas e cada vez menos consegue se comunicar com o restante da sociedade. A descrença nas convenções liberais faz surgirem práticas como a detonação (*trashing*) ou os linchamentos em todas as escalas sociais (Freeman, 2015), além da hostilidade ao pensamento que, paradoxalmente, é sustentada com base em teorias petrificadas e consagradas. O narcisismo das pequenas diferenças corroeu a composição, fechando em círculos cada vez mais restritos as redes longas que 2013, que eram culminância de um processo de fôlego forjado a partir da sinergia com movimentos internacionais e o fato de que a primeira batalha contra o conservadorismo das velhas elites havia sido vencida pelo lulismo, passando-se a disputar qual seria a próxima fase (Safatle, 2012; 2014). O projeto do Brasil Grande era recusado pelo Brasil múltiplo, mas a hiperconectividade das redes sociais e o tipo de individuação sociotécnica que promovem acabou produzindo um desgaste em que a pessoalização gradualmente tomou o lugar da disputa política (Malini e Antoun, 2012). As redes se esfacelaram e hoje briga-se por todos os lados e cresce a agressividade (Soares, 2014). A linguagem ácida, carrancuda e acusatória tomou conta do vocabulário e a alegria de estar junto perdeu espaço para a estrutura do "Tribunal do Facebook" (Rothman, 2014) que Tom Zé havia musicado alguns anos antes. A impetuosidade da juventude confunde a arrogância e a empáfia com a coragem. O julgamento tomou o lugar da composição. Deixou-se de disputar o pessimismo generalizado em nome da pureza militante, da identidade da "verdadeira esquerda" que, de tanta superioridade moral sobre seus adversários, perde a própria capacidade de se comunicar com seu entorno. Ao mesmo tempo, florescem iniciativas alheias aos velhos rótulos vermelhos, como a luta dos garis e as ocupações nas cidades.

O pessimismo que irrigou por todos os lados a revolta como afeto político em 2013, apesar de muitas vezes aparecer de modo mal direcionado, seletivo e guiado pela visão midiática, é contudo alentador enquanto esperança de crítica. É necessário *organizá-lo* a fim de não entregá-lo ao fascismo. A atualidade das teses de Walter Benjamin nesse sentido é impressionante. A definição do filósofo alemão é perfeita para a juventude pessimista, de sonhos baixos e desiludida que foi gestada nos últimos vinte anos de neoliberalismo e "fim da história": "Organizar o pessimismo significa

¹¹ O site *Passa Palavra* registra corajosamente uma série de cartas de desligamento dos militantes mais ou menos com o mesmo tom. Por exemplo: Daniels e Beverari (2015), Ana Carla e outros (2015), Fagner Enrique (2015).

simplesmente extrair a metáfora moral da esfera da política, e descobrir no espaço da ação política o espaço completo da imagem" (Benjamin, 1994, p. 34). Benjamin não apenas destacou a relação entre o desejo revolucionário e a ascensão do fascismo como decepção generalizada e desorganizada, como também sinalizou que a porta da justiça só pode ser o direito *estudado*, como mais recentemente Giorgio Agamben lembrou. Ao criar a polaridade entre a violência que inaugura e a que conserva o direito e associando-as ao mito, Benjamin opõe a elas uma "violência divina" que seria violência revolucionária e *destituente*. O direito que resta depois da sua deposição, diz Agamben, é aquele que está nos livros, o direito estudado (Agamben, 2004, p. 95). Em outros termos, o escape da violência que perpetua o instituído mantido pela exceção está na educação, na formação que permite ultrapassar o *status quo*. Em que medida é possível *profanar* a luta contra a corrupção? E se o pensamento alemão, por exemplo, sempre privilegiou a educação como formação (*Bildung*), parece necessário considerar a plasticidade das formas que os movimentos podem tomar e pensar a educação também como processo de individuação que inventa e reinventa essas formas, sem com isso afirmar qualquer privilégio para as instituições educacionais e toda a burocracia que está justamente sendo questionada na crise destituente que vivemos.

É preciso lembrar finalmente que no momento em que se joga *tudo*, em que se pode tudo dizer, o perigo espreita à porta do novo. O espontaneísmo pode também irrigar o ressentimento, o ódio, o desejo de destruição em grau zero. Assim como os movimentos carregam a esperança de um mundo melhor, as estratégias de mobilização e o tipo de intervenção podem ser – e estão sendo – mimetizadas por demandas autoritárias e preconceitos diversos (que já estavam presentes em grau minoritário em 2013). Não por acaso os métodos do linchamento, escracho, manifestações estilo *flashmob*, utilização da agenda das redes digitais, aversão ao diálogo e diversos "bloqueios", além do próprio rótulo de "ativista", são utilizados por grupos que sustentam posições fascistas simpáticas, por exemplo, ao Deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ). Por outro lado, a alternativa da segurança da repetição, antes de tudo conduzida pelo medo, não consegue mais florescer, fazendo-se materialização da catástrofe em que vivemos. Os discursos moderados, recheados de concessões e permeados pelo receio da ameaça reacionária e alimentados pelos velhos binarismos, hoje são tão daninhos quanto aquilo que eles pretendem salvar, pois são eles que *ocupam* (verbo-chave dessa geração) o espaço das possibilidades de transformação. Falando, portanto, da organização dos sem-organização, talvez se trate, fechando o diálogo com Rodrigo Nunes, de *organizar*

o pessimismo de todos nós -- entendendo a "juventude" em sentido amplo como os móveis da transformação -- para que possamos caminhar em direção a um novo modelo que só a experimentação irá nos apontar qual. A tarefa da geração que vem -- usando a expressão de Agamben -- é inventar um novo Brasil.

Moyses Pinto Neto é professor na ULBRA (Canoas), doutor em filosofia pela PUC-RS, é blogueiro e escreve normalmente sobre política, música, futebol, filosofia e outros temas próximos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Trad. Iraci Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANA CARLA e outros. *Carta de desligamento do Tarifa Zero Salvador e do MPL*. Disponível em <<http://www.passapalavra.info/2015/05/104551>>. Acesso em 1.10.2015.

AVELAR, Idelber. *O enigma de junho* (4 partes). Disponível em <www.idelberavelar.com>. _____. *Postditadura y desarrollismo: la recolonización de la Amazonía y las protestas en Brasil*. **Meridional: Revista Chilena de Estudos Latino-Americanos**. n. 2, abril/2014, pp. 151-166.

_____. *Crônicas do estado de exceção*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

BADIOU, Alain. *The rebirth of history*. Trad. Gregory Elliott. London/New York: Verso, 2012.

BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Sob a sombra do precariado*. In: **Cidades Rebeldes**. Ermínio Maricaro et al. São Paulo: Boitempo, 2013.

BENJAMIN, Walter. *O surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia*. In: **Magia e técnica, arte e cultura**, vol. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 22a ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTILLO, Lorena. *O antes, o durante e o depois das mobilizações de 2013 em Porto Alegre: a força das ruas e seus desafios*. In: **Junho: potência das ruas e das redes**. Org. Alana Moares et al. São Paulo: FES, 2015.

CAVA, Bruno. *A multidão foi ao deserto: as manifestações do Brasil em 2013 (junho - outubro)*. Rio de Janeiro: Annablume, 2013.

_____. *A organização da multiplicidade*. Disponível em <<http://blog.indisciplinar.com/a-organizacao-e-o-problema-da-multiplicidade/>>. Acesso em 01.03.2015.

- _____. *Não rejeitar o verde-amarelo: antropofagia*. Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/nao-rejeitar-o-verde-amarelo-antropofagia/>>. Acesso em 01.03.2015.
- _____. *A reeleição de Dilma e a síndrome do 'menos pior'*. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/536816-a-reeleicao-de-dilma-e-a-sindrome-do-menos-pior-entrevista-especial-com-bruno-cava>>. Acesso em 01.10.2015.
- CHAUÍ, Marilena. *Uma nova classe trabalhadora*. In: **10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.
- COCCO, Giuseppe. *Nova classe média ou nova composição de classe?* **Revista Lugar Comum**, n. 40. Disponível em: <<http://uninomade.net/lugarcomum/40/>>. Acesso em 10.03.2014.
- _____. *O capital que neutraliza a necessidade de uma outra esquerda*. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6019&secao=468>. Acesso em 1.10.2015.
- CULTURA E BARBÁRIE, *Direito ao grito*. Disponível em <<http://www.culturaebarbarie.org/direitoaogrito1.pdf>>. Acesso em 10.10.2014.
- DANIELS, C. e BEVERARI. *Carta de desligamento do MPL-SP*. Disponível em <<http://www.passapalavra.info/2015/07/105177>>. Acesso em 1.10.2015.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DANOWSKI, Déborah & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: ISA/Cultura e Barbárie, 2014.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- ENRIQUE, Fagner. *MPL, ritualização da autonomia*. Disponível em <<http://www.passapalavra.info/2015/06/105129>>. Acesso em 1.10.2015.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. 3a. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- FREEMAN, Jo. *Trashing: o lado sombrio da sororidade*. Trad. Passa Palavra. Disponível em <<http://www.passapalavra.info/2014/12/101362>>. Acesso em 1.10.2015.
- GUDYNAS, Eduardo. *La ecología política del progresismo sudamericano: los límites del progreso y la renovación verde de la izquierda*. **Sin Permiso**, n. 8, dezembro/2010a, pp. 147-167.
- GUTIERREZ, Bernardo. *Três anos de revoltas interconectadas*. In: **Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou**. Orgs: Cocco, G. e Cava, B. Rio de Janeiro: Annablume, 2013.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como "ideologia"*. In: **Técnica e Ciência como "ideologia"**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LAMBERT, Renaud. *Na Espanha, a hipótese Podemos*. Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/na-espanha-hipotese-podemos/>> Acesso em 2.10.2015.
- LEGUME, Lucas. *O Movimento Passe Livre acabou?* Disponível em <<http://www.passapalavra.info/2015/08/105592>>. Acesso em 1.10.2015.

MALINI, Fabio & ANTOUN, H. *Monitoramento, vazamentos e anonimato nas revoluções democráticas das redes sociais da internet*. **Revista Fronteiras (Online)**, v. 14, p. 68-76, 2012.

NOBRE, Marcos. *Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao Governo Dilma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

_____. *Choque de democracia: razões da revolta* [ebook]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

_____. *O que significa "Pensar o País"?* **Novos Estudos CEBRAP**, ed. 100, novembro/2014. Disponível em <<http://novosestudos.uol.com.br/>>. Acesso em 2.10.2015.

NUNES, Rodrigo. *Generación, acontecimiento, perspectiva: pensar el cambio a partir de Brasil*. **Nueva Sociedad**, n. 251, mayo/junio 2014. Disponível em: <www.nuso.org>. Acesso em 01.02.2015.

_____. *The organisation of the organisationless: collective action after networks* [ebook]. London: Mute/PML Books, 2014b.

_____. *Como não ler Foucault e Deleuze? Ou: para ler Foucault e Deleuze politicamente*.

Princípios: revista de filosofia, v. 20, n. 33, jan/jun 2013.

_____. *A onda conservadora é menos fácil de entender do que se imagina*. **Folha de São Paulo**, 28.08.2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1674857-ascensao-conservadora-e-complexo-de-katechon.shtml>>. Acesso em 02.10.2015.

PINTO NETO, Moysés. *A escritura da natureza: Derrida e o materialismo experimental*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre, 2013.

_____. *O progressismo como modernização unidimensional*. 2015. No prelo.

_____. *Crise política e a desconstrução do país*. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/547055-a-estabilidade-politica-do-governo-dilma-e-dependente-do-ajuste-fiscal-entrevista-especial-com-moyses-pinto-neto>>. Acesso em 2.10.2015.

_____. *O 'voto crítico' reelegeu Dilma*. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537116-o-voto-critico-reeleveu-dilma-pos-eleicoes-as-contradicoes-voltam-a-cena-entrevista-especial-com-moyses-pinto-neto>>. Acesso em 2.10.2015.

ORTELLADO, Pablo. *Os protestos de junho entre o processo e o resultado*. In: **Sob vinte centavos**. Org: E. Judensnaider et al. São Paulo: Veneta, 2013.

POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média*. São Paulo: Boitempo, 2014.

RIBEIRO, Renato Janine. *PT versus PSDB. O mundo em português*, 2003. Disponível em <<http://www.renatojanine.pro.br/Divulgacao/ptxpsdb.html>>.

_____. *Eleições 2014 – A Quarta Agenda da Democracia Brasileira (Ou: o que 2013 Trouxe)*. **Interesse Nacional**, n. 25, abril/junho 2014.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Ciclos de mobilização e mudança institucional no Brasil*. **Revista de Sociologia e Política**, n. 17, novembro/2001.

ROLNIK, Raquel. *As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações*. In: **Cidades Rebeldes**. Ermínio Maricaro et al. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROTHMAN, Joshua. *In Facebook's Courtroom*. Disponível em <<http://www.newyorker.com/culture/cultural-comment/facebooks-courtroom>>. Acesso em 1.10.2015.

SAFATLE, Vladimir. *Les limites du modèle brésilien: nouveaux conflits sociaux et la fin de l'ère Lula*. **Les Temps Modernes**. Disponível em <<https://usp-br.academia.edu/VladimirSafatle>>. Acesso em 29.9.2015.

_____. *A esquerda que não teme dizer seu nome*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SCHAVELZON, Salvador. *Mundial para quién?* **Revista Anfibia**. Disponível em <<http://www.revistaanfibia.com/ensayo/mundial-para-quien/>>, 2014. Acesso em 1.10.2015.

_____. *El fin del relato progressista en América Latina*. La razón. Disponível em <http://www.la-razon.com/suplementos/animal_politico/fin-relato-progresista-America-Latina_0_2292970735.html>. Acesso em 16.7.2015.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Classes e ideologias cruzadas*. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 97, novembro/2013.

SOARES, Luiz Eduardo. *A gota de sangue*. Disponível em <<http://www.luizeduardosoares.com/?p=1208>>. Acesso em 01.06.2015.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. *A cegueira do debate brasileiro sobre as classes sociais*. **Interesse Nacional**, n. 27, out/dezembro 2014.

VIANA, Diego. *Pauta difusa e derrota, mais uma vez*. Disponível em <<http://diegoviana.opsblog.org/pauta-difusa-e-derrota-mais-uma-vez/>>. Acesso em 4.6.2014.

_____. *O impasse e os impasses*. Disponível em <<https://vianadiego.wordpress.com/2015/03/21/o-impasse-e-os-impasses/>>. Acesso em 1.10.2015.

ZIZEK, Slavoj. *The year of dreaming dangerously*. London/New York: Verso, 2011.